

Migração japonesa para a Amazônia peruana e a formação da comunidade japonesa de Puerto Maldonado, Madre de Dios¹

Francisco Rodrigues da Silva Neto¹ e Luis E. Aragón²

¹ Doutorando junto ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), Brasil. E-mail: fneto21@hotmail.com

² Professor/Pesquisador do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará (NAEA/UFPA), Brasil, Coordenador da Cátedra UNESCO de Cooperação Sul-Sul para o Desenvolvimento Sustentável e Bolsista de Produtividade do CNPq. E-mail: luis.ed.aragon@hotmail.com

RESUMO - O objetivo central deste estudo foi analisar a migração de japoneses para a Amazônia peruana e sua consolidação em Puerto Maldonado (Madre de Dios). Três foram as principais causas desse processo: 1) Uma política contínua em prol da imigração japonesa para o Peru durante as primeiras décadas do século XX voltada para prover mão-de-obra nas fazendas de cana-de-açúcar e algodão da costa; 2) Envolvimento dos imigrantes japoneses em atividades econômicas demandadas durante a expansão da exploração da borracha na Amazônia peruana; e 3) Fortalecimento dessas atividades após a queda da economia da borracha para garantir o fornecimento de produtos necessários à população remanescente, inclusive, substituindo produtos não mais importados ou fornecidos por grandes empresas. A Amazônia peruana tornou-se cada vez mais atrativa para os imigrantes japoneses inconformados com as más condições de trabalho nas fazendas da costa, engrossando assim a migração para essa região. A própria existência de uma comunidade mais ou menos organizada que serviu de suporte na Amazônia peruana permitiu fortalecer a vinda de mais migrantes. Em Puerto Maldonado, os japoneses se dedicaram à produção de hortifrutigranjeiros e outros produtos agrícolas para suprir o mercado local, estabeleceram pequenos comércios, e forneciam alguns serviços especializados.

Palavras-chave: Migração japonesa, Amazônia peruana, Puerto Maldonado

Japanes migration to the peruvian amazon and formation of the japanese community of Puerto Maldonado, Madre de Dios

ABSTRACT - The main objective of this study was to analyze the migration of Japanese to the Peruvian Amazon and its consolidation in Puerto Maldonado (Madre de Dios). Three were the main causes of this process: 1) A continuous policy in favor of Japanese immigration to Peru during the first decades of the twentieth century focused on

¹ Comunicação apresentada pelo primeiro autor no Encontro Internacional "Amazônia: Fronteiras em Movimento". Macapá, Universidade Federal do Amapá, 20-22 de maio de 2014.

providing hand labor on the farms of sugar cane and cotton of the coast; 2) Involvement of Japanese immigrants in economic activities demanded during the expansion of the exploitation of rubber in the Peruvian Amazon; and 3) Strengthening these activities after the fall of the rubber economy to ensure the supply of products required for the remaining population, including replacing products no longer imported or supplied by large companies. The Peruvian Amazon became increasingly attractive to Japanese immigrants unhappy with the poor working conditions on the farms of the coast, thus thickening the migration to this region. The very existence of a more or less organized community that served as support in the Peruvian Amazon strengthened the coming of more migrants. In Puerto Maldonado, the Japanese were dedicated to the production of horticultural and other agricultural products to supply the local market, established small businesses, and provided some specialized services.

Keywords: Japanese migration, Pruvian Amazon, Puerto Maldonado

1 INTRODUÇÃO

Em 03 de abril de 1899 chegava ao Porto de Callao (próximo de Lima) a primeira leva de imigrantes japoneses ao Peru a bordo do navio *Sakura Maru*², resultado de acordos assinados entre os dois países, com o intuito de estimular a vinda de japoneses para esse país.

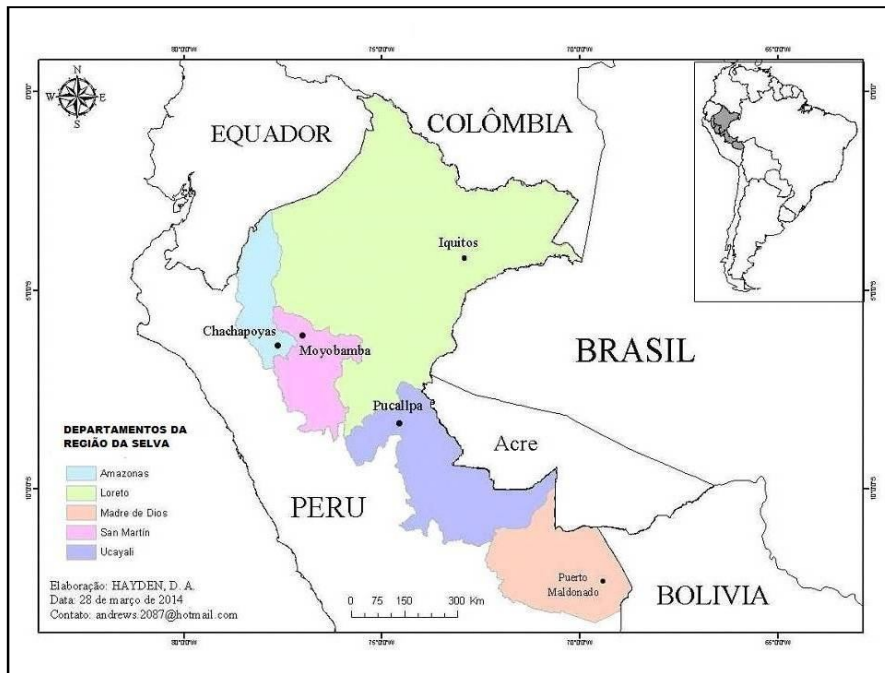
Nessa primeira leva chegaram 790 trabalhadores para laborarem nas fazendas de cana-de-açúcar da região da costa peruana. No entanto, nem todos os trabalhadores japoneses permaneceram nas fazendas da costa. Muitos se revoltaram pelas péssimas condições de trabalho e abandonaram as fazendas espalhando-se pelo país (LIMACHI, 2009).

A chegada dos imigrantes japoneses ao Peru coincide com os anos áureos da exploração da borracha na Amazônia, o que fez essa região atrativa para aqueles migrantes que se revoltaram na costa. No mesmo ano da chegada do navio *Sakura Maru*, 91 dos imigrantes dessa primeira leva dirigiram-se para o atual departamento³ de Madre de Dios ao sul da Amazônia peruana (LIMACHI, 2009) (Figura 1).

² O termo *Sakura* (桜, em japonês) significa cerejeira, cuja flor é o símbolo do Império japonês e *Maru* (丸, em japonês) significa navio.

³ Divisão administrativa utilizada no Peru equivalente ao estado no Brasil.

Figura 1 - Departamentos da região da selva ou Amazônia peruana



Terminado o ciclo da exploração da borracha, muitos dos imigrantes japoneses da Amazônia peruana permaneceram na região e se fortaleceram formando comunidades e inclusive fundando povoados (LIMACHI, 2009). É o caso da comunidade japonesa que surgiu ao redor da atual cidade de Puerto Maldonado, capital do departamento de Madre de Dios.

Este artigo se propõe analisar a migração de japoneses para o departamento de Madre de Dios na Amazônia peruana, e o surgimento e consolidação de uma comunidade de japoneses em Puerto Maldonado que se mantém até hoje. A análise centra-se em três fatores determinantes desse processo: 1) Uma política contínua em prol da imigração japonesa para o Peru durante as primeiras décadas do século XX voltada para prover mão-de-obra nas fazendas de cana-de-açúcar e algodão da costa; 2) Envolvimento dos imigrantes japoneses em atividades econômicas demandadas durante a expansão da exploração da borracha na Amazônia peruana; e 3) Fortalecimento dessas atividades após a queda da economia da borracha para garantir o fornecimento de produtos necessários à população remanescente, inclusive, substituindo produtos não mais importados ou fornecidos por grandes empresas.

2 POLÍTICA CONTÍNUA EM PROL DA MIGRAÇÃO JAPONESA PARA O PERU

Tokeshi e Fukumoto (1986) argumentam que havia, ao final do século XIX e início do século XX, um cenário propício no Peru para o recebimento de imigrantes. A partir da abolição da escravidão no país em 1854, o clima político da época mostrava-se favorável à imigração por meio de suas políticas orientadas ao exterior, principalmen-

te pela exportação de algodão e cana-de-açúcar, que favoreciam os latifundiários da costa, os quais necessitavam aumentar mão-de-obra para incrementar a produção e seus lucros.

Nesse sentido, após o fracasso da imigração europeia e fim dos contratos de recrutamento de mão-de-obra chinesa em 1874 (VOLPE, 1986; RODRIGUEZ, 2001), voltou-se para a imigração de japoneses, que se iniciou com a chegada dos imigrantes do navio *Sakura Maru*.

A maior chegada de imigrantes japoneses se deu durante o ano de 1908, quando o país era presidido por Augusto B. Leguía, outrora gerente da *British Sugar Company*, principal responsável pela vinda de migrantes japoneses em direção ao Peru. A vinda de japoneses ao Peru, iniciada em 1899 passaria a ser constante, chegando a totalizar 18.258 pessoas até 1923 (Tabela 1). A partir de 1924 se suspende o recrutamento de trabalhadores japoneses para o Peru. Entre os imigrantes predominavam homens, e também havia algumas crianças. Essa estrutura demonstra a disponibilidade dessa população para o trabalho nas fazendas peruanas (MORIMOTO, 1986).

Segundo Irie e Himel (1951, p. 443), os principais pontos dos contratos assinados por dezenas de japoneses que se dirigiram ao Peru, eram os seguintes⁴:

- 1) O contrato tinha validade de quatro anos. Durante este período o trabalhador iria trabalhar em plantações ou na colheita de cana-de-açúcar;
- 2) O pagamento seria de 2 *pounds* e 10 *shillings* por mês pagos em moeda inglesa ou equivalente em dinheiro peruano;
- 3) Seriam dez horas de trabalho diário no campo e doze na refinaria de açúcar. As horas extras não excederiam duas horas, e, por isso, seria percebido um adicional de dois dias e meio por hora e não haveria trabalho aos domingos e feriados;
- 4) Durante os primeiros 25 meses a Companhia Morioka irá deduzir mensalmente dos salários o valor de 8 soles⁵. O montante arrecadado dessas deduções será aplicado como fundo de reserva para garantir o cumprimento do contrato e para pagar as despesas da viagem de retorno. No caso de um trabalhador que abandona o trabalho, a perda real sofrida pela Companhia Morioka será deduzida desse mesmo montante, e caso haja saldo restante, este será devolvido ao trabalhador. Mas, no caso de déficit, o trabalhador deverá efetuar o ressarcimento;
- 5) Os proprietários das plantações pagariam todas as despesas desde o porto de embarque no Japão até o local de trabalho no Peru, além dos utensílios de casa, camas, e suprimentos médicos.

⁴ Tomando como base os contratos assinados com a Companhia Morioka.

⁵ Sol (unidade monetária peruana).

6) No momento da chegada, a companhia contratante entregaria a cada pessoa um conjunto de roupa para o trabalho, um chapéu, e um par de calçados.

Para que esses contratos acontecessem, os imigrantes deveriam atender a algumas exigências das empresas recrutadoras, entre as quais se destacavam: a) idade entre 20 e 45 anos; b) fisicamente habilitados para o trabalho e; c) boas condições morais e de saúde (IRIE; HIMEL, 1951).

Tabela 1 – Chegada de imigrantes japoneses ao Peru entre 1899 e 1923

ANO	HOMENS	MULHERES	CRIANÇAS	TOTAL
1899	787	-	-	787
1903	1.160	110	-	1.270
1906	586	9	1	596
1907	450	1	-	451
1908	2.362	82	4	2.448
1909	694	20	1	723
1910	447	11	1	459
1911	222	29	-	251
1912	575	74	13	662
1913	906	179	16	1.101
1914	730	186	32	948
1915	935	219	70	1.224
1916	963	138	36	1.137
1917	1.254	324	48	1.626
1918	1.230	426	4	1.660
1919	1.991	158	-	1.349
1920	602	79	-	681
1921	565	79	-	644
1922	536	5	-	41
1923	192	8	-	200
TOTAL	15.887	2.145	226	18.258

Fonte: Morimoto (1986, p. 117)

Irie e Himel (1951, p. 443) apresentam os valores que comporiam as deduções e o valor líquido a ser recebido por parte dos trabalhadores japoneses: “O pagamento mensal com valor de 10£. 10s.⁶ que corresponderia a 25 yenes⁷”. Levando-se em

⁶ Unidade monetária inglesa: 10 libras e 10 *shillings*. Há uma diferença no valor equivalente entre as moedas envolvidas. Para a cotação desse valor, no entanto, em libras esterlinas o valor atualizado seria de R\$ 38,11.

consideração que aos trabalhadores lhes era oferecida casa e cama, eles apenas deveriam custear as despesas de comida.

Essas condições significavam para os japoneses as possibilidades de acumular capital e regressar em curto tempo para o Japão. Segundo esses autores, os trabalhadores no período de quatro anos (duração dos contratos) poderiam acumular aproximadamente 960 yen⁸, que deduzindo 100 yenes⁹ para a viagem de retorno ao Japão, o ganho líquido seria de 860 yenes. Essa era a expectativa dos trabalhadores!

Entretanto, os empregadores, ávidos por braços que pudessem compensar os problemas que haviam experimentado com outros imigrantes, não mediram esforços para trazer japoneses, concordando com os termos dos contratos, mas que chegando ao país, não honravam (IRIE; HIMEL, 1951).

3 IMIGRANTES JAPONESES E A EXPLORAÇÃO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA PERUANA

Apesar de que o objetivo do recrutamento de trabalhadores japoneses era trabalhar nas fazendas da costa peruana, as más condições de trabalho e o descumprimento dos contratos por parte dos empregadores, fez com que muitos japoneses abandonassem as fazendas, seja por revoltas, ou ao término do período dos contratos, resultando uma distribuição de imigrantes japoneses em diversos lugares do país. Em 1910, a maior concentração de imigrantes japoneses estava na região ao redor de Lima e Callao, onde trabalhavam como barbeiros, pequenos comerciantes, carpinteiros, proprietários de restaurantes, garçons, empregados domésticos, jardineiros, e tintureiros, entre outras ocupações (TIGNER, 1978).

A migração pioneira para a Amazônia peruana a partir do grupo chegado no navio *Sakura Maru* foi seguida por outros grupos na medida em que novas levadas chegavam à costa e abandonavam as empreitadas nas fazendas dessa região. O surgimento do atual departamento de Madre de Dios¹⁰ foi resultado da importância econômica que jogou o ciclo da economia da borracha na Amazônia peruana. A criação da Junta de Vias Fluviais teve como primeiro Comissário da Região de Madre de Dios, Dom Juan S. Villalta, responsável por criar o povoado de Madre de Dios na confluência do rio Madre de Dios e Tambopata, em julho de 1902, atualmente, denominado Pueblo Viejo, fato que formalizava a atuação do Estado peruano na área.

Para o comissário Villalta, os imigrantes foram peças chave para o "progresso nacional". Em seu relatório de 1904 ao Governo central de Lima, Villalta (1904, p. 6) ressaltava que:

⁷ Em 1900 o valor de 1 *yen* (sistema monetário japonês) correspondia a 0,50 centavos de dólar americano. Atualmente esse valor corresponde apenas R\$ 0,55, no câmbio de 25.08.2014.

⁸ Equivale a US\$3.024,00 no câmbio de início de 1900.

⁹ Equivale a US\$ 315,00 no câmbio de início de 1900.

¹⁰ Também denominado pelos viajantes de: "Amarumayo", "Rio de la Serpiente," "Tono," "Manu," "Magnum", "Parabari", "Manu-tata", "Manuarirytia", "Rio de Castilla" y por fin Madre de Dios (VILLALTA, 1904).

[...] durante os primeiros dias de nossa instalação e fundação de Porto Maldonado, chegaram 15 caucheiros que trabalhavam na sua baraca principal de Santa Rosa, instalando-se em frente à Comissaria [...] essas explorações constituem a base da colonização nessa montanha, são 489 cujos nomes indico para que figurem entre os principais povoadores dessa parte de nosso oriente .

Com o aumento de seringueiros na região, o comissário mostrava-se animado pelo fato destes seringueiros serem os grandes desbravadores das grandes florestas e bosques solitários e virgens, pois, raros eram os trabalhadores que se interessavam em adentrar a selva.

Os quinze seringueiros que se apresentaram à Comissaria, conforme relata Villalta (1904), o fizeram em busca de permissão para explorar a região, até então parcialmente desconhecida, porém rica em minerais e borracha.

Esse “cuidado”, tomado pelos seringueiros, foi uma boa maneira para se aproximar do Comissário, e dessa maneira poder explorar a *hevea brasiliensis* sem entraves de parte do governo. Nas palavras de Villalta (1904, p. 7): “Este precedente na história da borracha é o melhor parâmetro de patriotismo e a base mais sólida sobre a qual descansa a colonização destas regiões”.

A exploração da borracha foi determinante para o povoamento da região da Amazônia peruana, às proximidades do que atualmente se conhece por departamento de Madre de Dios, pois foi a partir da iniciativa dos exploradores, em busca do látex, que se aproximaram de terras consideradas inóspitas.

As medidas para o estabelecimento de migrantes na região fomentaram ações que pudessem provê-los com a subsistência básica. Houve, inclusive, incentivo do governo peruano em criar uma zona agrícola que pudesse abastecer os migrantes assentados na região, além de financiar gastos com passagens, manutenção temporária e sementes para que as pessoas se fixassem na Amazônia (MADRE DE DIOS, 2011). Porém, a maioria dos deslocamentos foram de famílias peruanas, principalmente de áreas onde já tinham experiência com a exploração da borracha como Rioja, Chachapoyas, Moyobamba, Tarapoto e Cajamarca.

Mas também migraram estrangeiros, incluindo japoneses. De acordo com uma descendente nissei, Maria Kohagura Gahona, no livro publicado durante as comemorações do centenário da imigração japonesa para o Peru, a rota percorrida pelos imigrantes japoneses, que chegavam à região de Madre de Dios durante o ciclo da exploração da borracha, era por Paucartambo que saía de Cusco, ou pelo rio Candamo-Tambopata (APJ, 2000).

Os que seguiam pela rota de terra, via Paucartambo, se estabeleceram em Iberia e Iñapari, enquanto que os que optavam pelo caminho fluvial, seguiam os rios Candamo-Tambopata até Puerto Maldonado (Figura 2). Os remadores eram nativos da tribo Huarayo, que habitavam a parte baixa de Madre de Dios, transportando os imi-

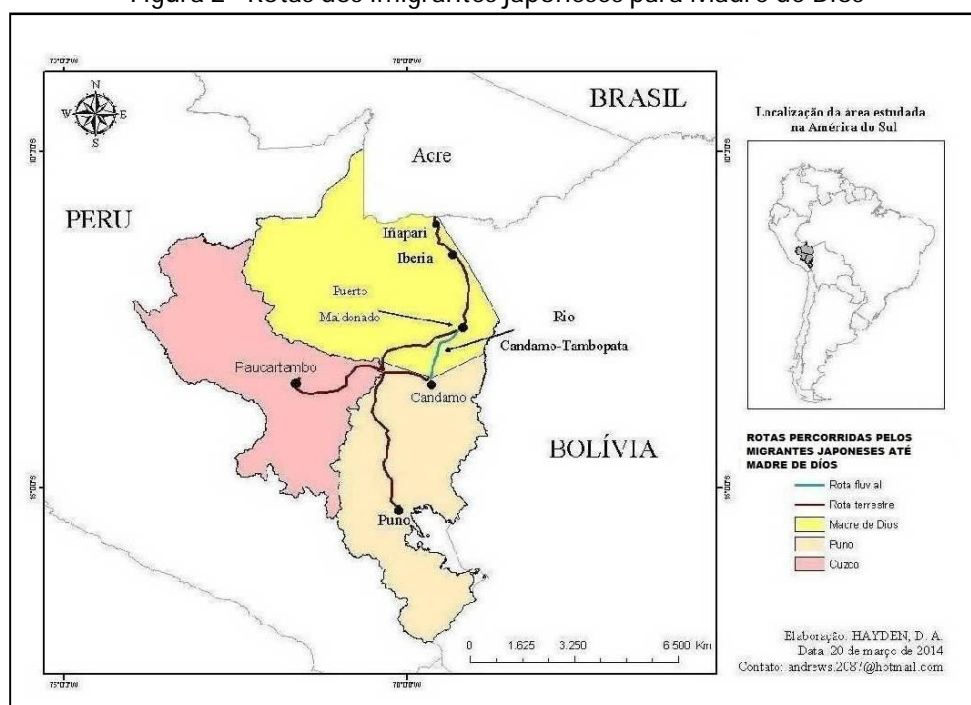
grantes em canoas, até Puerto Maldonado, seguindo o trajeto: Puno-Candamo-Tambopata-Madre de Dios (APJ, 2000).

Além dos 91 japoneses pioneiros chegados no navio *Sakura Maru* em 1899, Ikeda Kinsuke Tomi, Koga Akira, e Koga Sakae são considerados os primeiros imigrantes chegados a Puerto Maldonado logo nos primeiros anos do século XX. Esses pioneiros, além de serem os desbravadores, se tornaram, segundo descrição da APJ (2000, p. 348), remadores especialistas e timoneiros que transportavam e subsidiavam seus conterrâneos.

Essa ajuda foi fundamental para manter uma coesão intergrupala que resultou na organização original da comunidade de japoneses. Essa organização tornou a região mais atrativa para posteriores levas de japoneses provenientes das fazendas da costa. Em Puerto Maldonado a comunidade japonesa se fortaleceu ao longo dos anos e atualmente mostra-se uma comunidade próspera.

A chegada de imigrantes japoneses na Amazônia peruana aconteceu no período em que a exploração da borracha estava em franca expansão. Efetivamente desde a segunda metade do século XIX, a extração da borracha tornou-se o principal produto de extração na região em relação aos outros recursos naturais tais como peles e madeiras.

Figura 2 - Rotas dos imigrantes japoneses para Madre de Dios



Nesse período, segundo Fukumoto (1997), no departamento de Madre de Dios se estabeleceram várias companhias inglesas que eram intermediárias comerciais do mercado internacional. Com a descoberta da vulcanização da borracha por Goodyear em 1839, o beneficiamento da borracha expandiu-se na região de Madre de Dios. As

companhias inglesas estabelecidas na área se tornaram intermediárias das casas exportadoras arequipanas¹¹ e dos comerciantes do interior que provinham de homens e alimentos os seringais. Toda essa movimentação elevava o volume das exportações. Entre 1882 e 1910 a porcentagem de exportação do látex subiu de 1% para 30% do total das exportações do Peru (FUKUMOTO, 1997). Essa economia converteu-se em grande atrativo de migrantes para a Amazônia, aumentando, inclusive, o interesse das companhias recrutadoras para levar trabalhadores diretamente do Japão para a Amazônia.

Segundo Morimoto (1999), a iniciativa de levar imigrantes do Japão diretamente para a Amazônia peruana foi tomada pela Companhia Morioka e, posteriormente, também, pela Companhia Meiji. Nesse sentido o autor ressalta que, com o falecimento do agente Tanaka em 1905, da Companhia Morioka, um agente da Companhia Meiji solicitou ao Ministério de Assuntos Estrangeiros do Japão, permissão para levar imigrantes para a selva peruana.

Foi, então, ordenada pelo governo japonês a realização de pesquisas na área pretendida. Mas, essas pesquisas registraram a presença de malária na área e para que a permissão fosse concedida, seria necessário o acompanhamento de um médico junto ao grupo que seria enviado para a região, o que representou um atraso para a concessão da permissão até novembro de 1907. O recrutamento foi autorizado com permissão para o transporte de cem trabalhadores, que partiram em novembro de 1906 do Japão e chegaram ao porto de Callao, em fevereiro de 1907 e daqui partiram para a região de Tumbopata em Madre de Dios.

Essa experiência, relatada por Morimoto (1999), foi considerada exitosa, pois os imigrantes estavam satisfeitos com o salário diário de 2 yenes e 50 centavos, valor que era maior do que estava sendo pago nas fazendas da costa, além da jornada menor de trabalho. Ainda segundo a autora, durante apenas dois anos, os colonos acumularam um total de 38 mil yenes, que foram enviados pelos imigrantes aos seus familiares no Japão, fato este que não ocorreu entre os que ficaram nas fazendas da costa peruana.

Morimoto (1999) destaca ainda que em 1912 foram enviados duzentos indivíduos do quinto contingente de imigrantes chegados ao Peru, para trabalhar no cultivo de café no vale de Chanchamayo, além de 15 que trabalhavam no cultivo de algodão e pecuária no vale do rio Huallaga, na Amazônia central. A mesma fonte registra que nesse ano oitenta imigrantes japoneses se dedicavam à exploração da borracha, em uma plantação gerenciada por um antigo imigrante japonês no vale do rio Marañón.

Em Iquitos (departamento de Loreto), quinze japoneses instalaram estabelecimentos comerciais; no baixo rio Ucayali, cinco trabalhavam no cultivo de batata doce e cana-de-açúcar, e outros cinco cultivavam arroz no Alto Ucayali. E no rio Pachitea, outro grupo cultivava arroz e café, além de alguns que se dedicavam à pecuária (MORIMOTO, 1999).

¹¹ Região ao extremo sul da capital Lima que faz fronteira com o Chile.

Essas informações indicam a diversidade de atividades econômicas desempenhadas pelos imigrantes japoneses na Amazônia durante o ciclo da economia da borracha que permitia, entre outras coisas, atender às necessidades de uma economia em expansão, como o abastecimento de hortifrutigranjeiros, pecuária, setor de serviços e pequenos comércios.

4 FORTALECIMENTO DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS DOS IMIGRANTES JAPONESES EM MADRE DE DIOS APÓS A QUEDA DA EXPLORAÇÃO DA BORRACHA

Os imigrantes japoneses em Madre de Dios concentraram-se em Puerto Maldonado e foram em grande parte os responsáveis por abastecer de diversos produtos a economia em expansão durante os anos áureos da exploração da borracha, o que gerou as bases para a formação e manutenção duma comunidade que se mantém extremamente ativa e influente na cidade até hoje. Nomes como Takahashi, Yoshikawa e Hashimoto são frequentes atualmente (FUKUMOTO, 1997). Outros nomes que se destacaram na comunidade japonesa ao longo da história do departamento de Madre de Dios são listados no Quadro 1.

Quadro 1 – Imigrantes japoneses que se destacaram em Madre de Dios

NOMES	ATIVIDADES
Hiroshi Asakura	Proprietário de um caldeirão que oferecia luz as pessoas, com consentimento da Prefeitura, com a qual tinha um contrato. Possuía também um moinho para moer arroz. Trabalhou até 1934 gozando de boa saúde.
Doutor Horiuchi (Hori)	Conhecido popularmente como Dr. Hori. Entre 1927-1928 fundou a escola onde ele mesmo ensinava e não cobrava pelo trabalho. Seus serviços eram gratuitos para a população e chegou a ter entre 15 e 20 alunos.
Herotome Otzuka e Henrique Yamasaki	Otzuka era dono de serraria e Yamasaki trabalhava com ele. Os objetos eram serrados à mão.
Toyokichi Yoshikawa	Batizado com nome de Pablo. Construiu o Colégio Santa Rosa e a Igreja de Las Misiones em Pueblo Viejo. Era um excelente carpinteiro.
Suematsu Nagaremore Tuse	Desenhou a Praça de Armas de Puerto Maldonado. O projeto geral foi traçado pelos senhores Carlos V. Pajares e o Capitão Carlos Briollo.
José Kameko	Colaborador e trabalhador exemplar na constituição da Rádio Marconi, foi um destacado carpinteiro e teve sua tarefa sempre nessa área. Construiu a casa Missão São Jacinto, o mesmo do Colégio Santa Rosa, em Puerto Maldonado.
Jorge Mazuko	Instalou-se à margem direito do rio Inambari, dedicou-se a agricultura, produzindo diversas variedades de hortaliças. Faleceu em 1942 e em sua homenagem à área onde se estabeleceu recebeu o nome de

	Mazuko.
Kinsuke Ikeda	Batizado com o nome de Antônio. Dedicou-se, junto com Sakae Koga, ao transporte de cargas e passageiros de Puerto Maldonado a diversos lugares por via fluvial, utilizavam embarcações a remo através do rio Tambopata até ao porto Candamo. Eram também chamados de <i>poperos</i> .
Juan Takachima	Foi um excelente carpinteiro.
Enrique Futagaki	Comerciante e teve uma loja e doceria.
Takeichi Kaway	Teve uma mercearia e era comerciante.
Yonesaburo Isuyama	Agricultor e teve um restaurante na região do Baixo Tambopata.
Francisco "Panchito" Fukumoto	Personagem histórico do período de Nicolás Suárez de 1915-1925. Foi quintandeiro da firma de Suárez.
Martin Takahashi Moyano	Agricultor e se dedicou a extração madeireira.
Carlos Iguanaga	Conhecido comerciante. Foi detido em Puerto Maldonado em 1944.

Fonte: Madre de Dios (2011, p. 21-22)

As influências da cultura japonesa na cidade de Puerto Maldonado são observadas desde os primeiros momentos da organização da urbe, como por exemplo, na elaboração do projeto da primeira Praça de Armas da cidade, assinado por Suematsu Nagaremore Tuse. Em fotografia da praça na década de 1920 se registra a presença de vários japoneses (Figura 3).

Figura 3 – Vista parcial da primeira Praça de Armas no centro de Puerto Maldonado na década de 1920



Fonte: Disponível em: portalmadrededios.com.pe. Acesso em 20 maio 2014.

Importante observar o monumento central da praça que representa uma lanterna japonesa¹², símbolo típico encontrado em praças japonesas, construída pelo marceneiro José Kameko. Após sucessivas modificações, a lanterna japonesa sofreu alterações no tamanho e foi agregado um relógio (Figura 4).

Figura 4 – Monumento central da praça de armas no centro de Puerto Maldonado na década de 1920 e atualmente (2012)



Década de 1920*



Atualmente (2012)**

Fontes: *portalmadrededios (2014); **inforegion (2013).

Essas relações apresentam-se importantes dentro da própria lógica da dinâmica social que se estabelecia entre os moradores de Puerto Maldonado, o que reforça a hipótese de que, após a queda da economia da borracha, e mesmo antes, os imigrantes japoneses foram em grande parte responsáveis por sustentar a economia por meio da diversificação de suas atividades laborais, em alguns casos substituindo produtos, não mais fornecidos ou importados pelas grandes empresas estrangeiras que abandonaram a região após a queda da produção da borracha. O Quadro 2 demonstra a diversidade de atividades econômicas em que os imigrantes japoneses estavam envolvidos em Puerto Maldonado no final do ciclo da economia gomífera.

Além das atividades mencionadas, muitos japoneses também se tornaram fazendeiros e foram os responsáveis por introduzir novos alimentos na dieta da população da região, incluindo árvores de fruta pão, gengibre, nabo, cebola, pepino, berinjela e cará (branco e roxo), entre outros (APJ, 2000).

¹² Em japonês: Tôrô (灯籠).

Quadro 2 – Algumas das atividades econômicas dos migrantes japoneses em Puerto Maldonado, 1910-1912

IMIGRANTE	ATIVIDADE
Yuichi Futagaki	Fábrica de massa de macarrão, bolachas e bombons
Shigeo Futagaki	Gelatina de pés de vacas e galinhas
Uno	Barbearia
Raichi Noda e Seijiro Saki	Alfaiataria
Sato	Estúdio fotográfico
Isuyama	Plantação de cana de açúcar para obter aguardente
Asakura	Trouxe uma usina de açúcar da Bolívia e a caldeira, que foram adaptadas para o beneficiamento de arroz e também como gerador de eletricidade.
Okimura	Fabricava cigarros
Tabata e Miura	Preparavam “shio kara” *
Murakami	Cortava árvores de “shiringa”
Nagaremore, Nakahara, Uno e Kaway	Iniciaram a plantação de árvores de manga

* Em japonês 塩辛. Prato típico da cozinha japonesa, preparado com pequenos pedaços de frutos do mar, mergulhados em uma pasta marrom de vísceras de animais salgadas e fermentadas. São guardadas para fermentação por um período de até um mês.

Fonte: APJ (2000, p. 348-349), adaptado.

O Relatório de Madre de Dios (2011) registra que a melhoria da rodovia Quincemil-Puerto Maldonado e a construção da rodovia Puerto Maldonado-Iberia-Iñapari, na década de 1970, levaram a um incremento populacional acelerado na cidade de Puerto Maldonado, a qual se transformou em grande centro comercial do departamento de Madre de Dios.

Esse incremento aparece no Censo de 1981 nos dados em que a participação de Puerto Maldonado em relação à população total do departamento, antes com participação de 25% registrou no referido Censo de 1981 38%, enquanto que Ibéria sofreu uma sensível diminuição em sua participação.

Atualmente, segundo o censo de 2007 (INEI, 2010), o departamento de Madre de Dios compreende uma área de 85.300 km² e uma população de 109.555 habitantes, números que representam 6,6% da superfície e 0,4% da população do país. A capital, Puerto Maldonado, registra uma população de 109.555, com estimativa para 2013 de 130.876 (SIRTOD, 2010). Os dados apresentados por Morimoto (1991, p. 90-91) indicam que no ano de 1966, o número de japoneses e seus descendentes, na região de Ma-

dre de Dios era de 434 pessoas, sendo 245 homens e 189 mulheres, com maior concentração em Puerto Maldonado e Iberia (Tabela 2).

Tabela 2 – Departamentos do Peru com maior número de japoneses e descendentes, 1966 e 1989

DEPARTAMENTO	1966 TOTAL	1989 TOTAL
Lima	26.975	38.492
La Libertad	704	1.633
Madre de Dios	434	856
Lambayeque	531	759
Junín	891	726

Fonte: Morimoto (1991, p. 90; 1999, p. 152)

Morimoto (1991, p. 90-91) destaca o rápido crescimento de descendentes de japoneses no departamento de Madre de Dios, chegando sua população em 1989 a 856, sendo 454 homens e 402 mulheres. Nesse ano, Madre de Dios era o terceiro departamento do país com maior concentração de japoneses e descendentes, somente atrás de Lima e La Libertad. Certamente essa população deve ser muito maior atualmente.

Na década de 1990, como consequência de sucessivas crises econômicas que assolaram o país, o movimento *dekassegui* para o Japão intensificou-se, mas hoje, a diáspora japonesa representa o ingresso de capitais na comunidade japonesa de Puerto Maldonado através de remessas (LIMACHI, 2009).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo central deste estudo foi analisar a migração de japoneses para a Amazônia peruana e sua consolidação em Puerto Maldonado (Madre de Dios). Três foram as principais causas desse processo, conforme se indicou na introdução: 1) Uma política contínua em prol da imigração japonesa para o Peru durante as primeiras décadas do século XX voltada para prover mão-de-obra nas fazendas de cana-de-açúcar e algodão da costa; 2) Envolvimento dos imigrantes japoneses em atividades econômicas demandadas durante a expansão da exploração da borracha na Amazônia peruana; e 3) Fortalecimento dessas atividades após a queda da economia da borracha para garantir o fornecimento de produtos necessários à população remanescente, inclusive, substituindo produtos não mais importados ou fornecidos por grandes empresas.

A Amazônia peruana tornou-se cada vez mais atrativa para os imigrantes japoneses inconformados com as más condições de trabalho nas fazendas da costa, engrossando assim a migração para essa região. A própria existência de uma comunidade

mais ou menos organizada que serviu de suporte na Amazônia peruana permitiu fortalecer a vinda de mais migrantes.

Em Puerto Maldonado, os japoneses se dedicaram à produção de hortifrutigranjeiros e outros produtos agrícolas para suprir o mercado local, estabeleceram pequenos comércios, e forneciam alguns serviços especializados. Esse fortalecimento comunitário despertou, inclusive, o interesse de algumas companhias recrutadoras de mão-de-obra para a costa, em dirigir migrantes para a Amazônia, na primeira década do século XX.

Com a queda da economia da borracha os grandes fornecedores de produtos de primeira necessidade, geralmente importados, abandonaram a região, permitindo o fortalecimento das atividades desempenhadas pelos imigrantes japoneses.

Atualmente, a comunidade japonesa de Puerto Maldonado desempenha importante papel na economia, na política e na cultura do lugar e o movimento *dekassegui*, que se fortaleceu na década de 1990, tem gerado volumosas remessas às famílias da comunidade japonesa, que fortalece a economia da cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APJ - ASOCIACIÓN PERUANO JAPONESA. *The Centennial Anniversary of the Japanese Immigration to Peru (1899-1999)*. [Título em japonês: *Kokusai Kyōryoku Jigyōdan*]. Lima: JICA/APJ, 2000.
- FUKUMOTO, Mary. *Hacia un nuevo sol*. Lima/Perú: Asociación Peruano Japonesa, 1997.
- INEI - INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA E INFORMÁTICA. *Censo Nacional del Perú de 2007*. Lima, 2010. Disponível em: <www.inei.gob.pe> Acesso em: 30 ago. 2010.
- IRIE, Toraji; HIMEL, William. History of Japanese Migration to Peru – Part 1. *The Hispanic American Historical Review*, v. 31, n. 3, p. 437-452. Aug., 1951.
- LIMACHI, Luis. Procesos migratórios en la Amazonía Peruana: una mirada a las migraciones internacionales. In: "Autor" 2009.
- MADRE DE DIOS. *Diagnóstico Situacional en el Corredor Fronterizo*. Puerto Maldonado, Madre de Dios: Oficina de Presupuesto y Planificación, 2011.
- MORIMOTO, A. *Los japoneses y sus descendientes en el Perú*. Lima: Fondo Editorial del Congreso del Perú, 1999.
- _____. *Población de origen japonés en el Perú: perfil actual*. Lima: Comisión Conmemorativa del 90º aniversario de la inmigración japonesa al Perú/Centro Cultural Peruano-Japonés, 1991.
- _____. *Población de origen japonés en el Perú: Investigaciones y bibliografía. Primer Seminario sobre poblaciones inmigrantes*. Lima: Consejo Nacional de Ciencia y Tecnología, 1986, p.105-140. Tomo I

RODRIGUEZ, Humberto. *Hijos del celeste imperio en el Perú (1850-1900): migración, agricultura, mentalidad y explotación*. Lima: Sur Casa de Estudios del Socialismo, 2001.

SIRTOD - SISTEMA DE INFORMACIÓN REGIONAL PARA LA TOMA DE DECISIONES. *Serries nacionales*. Lima, 2010. Disponible em: <www.inei.gob.pe> Acceso em: 30 ago. 2010.

TIGNER, James. The Ryukyans in Peru, 1906-1952. *The Americas*, v. 35, n. 1, p. 20-44., jul, 1978. Published by: Academy of American Franciscan History.

TOKESHI, Juan; FUKUMOTO, Mary. Integración de los nikkei a la nacionalidad peruana: 87 años después. *Primer Seminario sobre Poblaciones Inmigrantes*. Lima: Concytec, Mayo 9 y 10, 1986. Tomo 2. p. 253-273.

VILLALTA, S. J. *Memorias que el ex-Comisario de Madre de Dios presenta a La Junta de Vías Fluviales*. Lima: Litografía y Tipografía, 1904.

VOLPE, Giovanni Bonfiglio. Introducción al estudio de la inmigración europea en el Perú. *Primer Seminario sobre Poblaciones Inmigrantes*. Lima: Concytec, 1986. Tomo 1. p. 11-31.

Artigo recebido em 23 de setembro de 2014.

Aprovado em 28 de janeiro de 2015.